



A Santa Sé

PAPA BENTO XVI
AUDIÊNCIA GERAL

Sala Paulo VI
Quarta-feira, 5 de Setembro de 2012

[[Vídeo](#)]

Queridos irmãos e irmãs,

Hoje, após a interrupção das férias, retomamos as Audiências no Vaticano, continuando naquela «escola da oração» que estou a viver juntamente convosco nestas Catequeses de quarta-feira.

Hoje gostaria de falar sobre a oração no *Livro do Apocalipse* que, como sabeis, é o último do Novo Testamento. Trata-se de um livro difícil, mas que contém uma grande riqueza. Ele põe-nos em contacto com a oração viva e palpitante da assembleia cristã, reunida «no dia do Senhor» (Ap 1, 10): com efeito, esta é a linha de fundo na qual o texto se move.

Um leitor apresenta à assembleia uma mensagem confiada pelo Senhor ao evangelista João. O leitor e a assembleia constituem, por assim dizer, os dois protagonistas do desenvolvimento do livro; a eles, desde o início, são dirigidos votos exultantes: «Bem-aventurados aquele que lê e os que ouvem as palavras desta profecia» (1, 3). Do diálogo constante entre eles nasce uma sinfonia de oração, que se desenvolve com grande variedade de formas, até à conclusão. Ouvindo o leitor que apresenta a mensagem, escutando e observando a assembleia que reage, a sua oração tende a tornar-se nossa.

A primeira parte do *Apocalipse* (1, 4-3, 22) apresenta, na atitude da assembleia que reza, três fases sucessivas. A primeira (1, 4-8) é constituída por um diálogo que — único caso no Novo Testamento — se realiza entre a assembleia que acaba de se reunir e o leitor, que lhe dirige votos de bênçãos: «Graça e paz vos sejam dadas» (1, 4). O leitor continua, sublinhando a

proveniência destes votos: eles derivam da Trindade: do Pai e do Espírito Santo e de Jesus Cristo, unidos na promoção do projecto criativo e salvífico para a humanidade. A assembleia escuta e, quando ouve mencionar Jesus Cristo, tem como que um sobressalto de alegria e responde com entusiasmo, elevando a seguinte prece de louvor: «Àquele que nos ama e que com o seu sangue nos lavou dos nossos pecados e nos fez reis e sacerdotes para Deus, seu Pai, glória e poder para todo o sempre. Amém!» (1, 5b-6). A assembleia, envolvida pelo amor de Cristo, sente-se livre das cadeias do pecado e proclama-se «reino» de Jesus Cristo, que pertence totalmente a Ele. Reconhece a grande missão que com o Baptismo lhe foi confiada, de levar ao mundo a presença de Deus. E conclui esta sua celebração de louvor olhando de novo directamente para Jesus e, com entusiasmo crescente, reconhece «a sua glória e o seu poder» para salvar a humanidade. O «amém» final conclui o hino de louvor a Cristo. Já estes primeiros quatro versículos contêm uma grande riqueza de indicações para nós; dizem-nos que a nossa oração deve ser antes de tudo escuta de Deus que nos fala. Submergidos por tantas palavras, estamos pouco habituados a ouvir, sobretudo a predispormo-nos interior e exteriormente para o silêncio a fim de estarmos atentos ao que Deus nos quer dizer. Além disso, tais versículos ensinam-nos que a nossa oração, que muitas vezes é só de pedido, antes de tudo deve ser de louvor a Deus pelo seu amor, pelo dom de Jesus Cristo, que nos deu força, esperança e salvação.

Depois, uma nova intervenção do leitor exorta a assembleia, arrebatada pelo amor de Cristo, ao compromisso de captar a sua presença na própria vida. Diz assim: «Ei-lo que vem sobre as nuvens e todos os olhos O verão, até mesmo os que O trespassaram; todas as tribos da terra se lamentarão por causa dele» (1, 7a). Depois de ter subido ao Céu numa «nuvem», símbolo da transcendência (cf. *Act* 1, 9), Jesus Cristo voltará do mesmo modo como subiu ao Céu (cf. *Act* 1, 11b). Então, todos os povos o reconhecerão e, como exorta são João no quarto Evangelho, «hão-de olhar para Aquele que trespassaram» (19, 37). Pensarão nos próprios pecados, causa da sua crucifixão e, como aqueles que tinham assistido directamente a ela no Calvário, «baterão no peito» (cf. *Lc* 23, 48) pedindo-lhe perdão, para o seguir na vida e preparar assim a comunhão plena com Ele, depois do seu retorno final. A assembleia medita sobre esta mensagem e diz: «Sim. Amém!» (*Ap* 1, 7b). Exprime com o seu «sim» o pleno acolhimento daquilo que lhe é comunicado e pede que isto possa tornar-se verdadeiramente realidade. É a oração da assembleia, que medita sobre o amor de Deus manifestado de modo supremo na Cruz e pede para viver com a coerência dos discípulos de Cristo. Eis a resposta de Deus: «Eu sou o Alfa e Ómega, diz o Senhor Deus, o que é, que era e que há-de vir, o Todo-Poderoso!» (1, 8). Deus, que se revela como o início e a conclusão da história, acolhe e toma a peito o pedido da assembleia. Ele estava, está e estará presente e activo com o seu amor nas vicissitudes humanas, no presente, no futuro, assim como no passado, até alcançar a meta final. Esta é a promessa de Deus. E aqui encontramos mais um elemento importante: a oração constante desperta em nós o sentido da presença do Senhor na nossa vida e na história, e é a sua presença que nos sustém, nos guia e nos dá uma grande esperança, inclusive no meio da obscuridade de certas vicissitudes humanas; além disso, qualquer oração, mesmo a que é feita

na solidão mais radical, nunca é um isolar-se nem estéril, mas é a linfa vital para alimentar uma existência cristã cada vez mais comprometida e coerente.

A segunda fase da oração da assembleia (cf. 1, 9-22) aprofunda ulteriormente a relação com Jesus Cristo: o Senhor mostra-se, fala e age, e a comunidade, cada vez mais próxima dele, ouve, reage e acolhe. Na mensagem apresentada pelo leitor, são João narra uma sua experiência pessoal de encontro com Cristo: está na ilha de Patmos por causa da «palavra de Deus e do testemunho de Jesus» (1, 9) e é o «dia do Senhor» (1, 10a), domingo, no qual se celebra a Ressurreição. E são João é «arrebatado pelo Espírito» (1, 10a). O Espírito Santo impregna-o e renova-o, dilatando a sua capacidade de acolher Jesus, que o convida a escrever. A oração da assembleia que escuta assume gradualmente uma atitude contemplativa ritmada pelos verbos «vê», «olha»: ou seja, contempla o que o leitor lhe propõe, interiorizando-o e fazendo-o seu.

João ouve «uma grande voz, como de trombeta» (1, 10b): a voz impõe-lhe que transmita uma mensagem «às sete Igrejas» (1, 11) que se encontram na Ásia Menor e, através delas, a todas as Igrejas de todos os tempos, juntamente com os seus Pastores. A expressão «voz... de trombeta», tirada do livro do Êxodo (cf. 20, 18), evoca a manifestação divina a Moisés no monte Sinai e indica a voz de Deus, que fala do seu Céu, da sua transcendência. Nele é atribuída a Jesus Cristo Ressuscitado, que da glória do Pai fala, com a voz de Deus, à assembleia reunida em oração. Virando-se «para ver a voz» (cf. 1, 12), João avista «sete castiçais de outro e, no meio dos sete castiçais, alguém semelhante a um Filho de homem» (1, 12-13), termo particularmente familiar a João, que indica o próprio Jesus. Os castiçais de ouro, com as suas velas acesas, indicam a Igreja de todos os tempos, em atitude de oração na Liturgia: Jesus Ressuscitado, o «Filho do homem», encontra-se no meio dela e, revestido com os paramentos do sumo sacerdote do Antigo Testamento, desempenha a função sacerdotal de mediador junto do Pai. Na mensagem simbólica de João, segue-se uma manifestação luminosa de Cristo Ressuscitado, com as características próprias de Deus, que se repetem no Antigo Testamento. Fala-se dos «cabelos... brancos, como lã branca, como neve» (1, 14), símbolo da eternidade de Deus (cf. *Dn* 7, 9) e da Ressurreição. Um segundo símbolo é o do fogo que, no Antigo Testamento, é frequentemente referido a Deus para indicar duas propriedades. A primeira é a intensidade ciosa do seu amor, que anima a sua aliança com o homem (cf. *Dt* 4, 24). E é esta mesma intensidade ardente do amor que se lê no olhar de Jesus Ressuscitado: «os seus olhos eram como uma chama de fogo» (*Ap* 1, 14a). A segunda é a capacidade constante de vencer o mal como um «fogo devorador» (*Dt* 9, 3). Assim também «os pés» de Jesus, a caminho para enfrentar e destruir o mal, têm a incandescência do «bronze resplandecente» (*Ap* 1, 15). Além disso a voz de Jesus Cristo, «como o ruído de águas caudalosas» (1, 15c), tem o barulho impressionante «da glória do Deus de Israel» que se move rumo a Jerusalém, da qual fala o profeta Ezequiel (cf. 43, 2). Seguem-se ainda três elementos simbólicos que demonstram quanto Jesus Ressuscitado está a realizar pela sua Igreja: tem-na firmemente na sua mão direita — uma imagem muito importante: Jesus tem a Igreja na sua mão — fala-lhe com a força penetrante de uma espada afiada e mostra-lhe o esplendor da sua divindade: «o seu rosto era como o sol quando resplandece em toda a sua

força» (Ap 1, 16). João está tão envolvido nesta experiência maravilhosa do Ressuscitado, que desfalece e cai como morto.

Depois desta experiência de revelação, o apóstolo tem à sua frente o Senhor Jesus que fala com ele, o tranquiliza, põe uma mão sobre a sua cabeça, revela-lhe a sua identidade de Crucificado Ressuscitado e confia-lhe o cargo de transmitir a sua mensagem às Igrejas (cf. Ap 1, 17-18). É bom este Deus, diante do qual ele desfalece e cai como morto. É o amigo da vida e põe a mão sobre a sua cabeça. E será assim também para nós: somos amigos de Jesus. Depois, a revelação do Deus Ressuscitado, do Cristo Ressuscitado, não será tremenda, mas será o encontro com o amigo. Também a assembleia vive com João o momento particular de luz diante do Senhor, mas unido à experiência do encontro quotidiano com Jesus, sentindo a riqueza do contacto com o Senhor, que preenche todos os espaços da existência.

Na terceira e última fase da primeira parte do *Apocalipse* (cf. 2-3), o leitor propõe à assembleia uma mensagem septiforme na qual Jesus fala em primeira pessoa. Dirigido a sete Igrejas situadas na Ásia Menor, ao redor de Éfeso, o discurso de Jesus começa a partir da situação particular de cada uma das Igrejas, para depois se ampliar às Igrejas de todos os tempos. Jesus entra imediatamente no fulcro da situação de cada Igreja, evidenciando as suas luzes e sombras e dirigindo-lhe um convite urgente: «Arrepende-te» (2, 5.16; 3, 19c); «Conserva o que tens» (3, 11); «pratica as obras de outrora» (2, 5); «Sê, pois, zeloso e arrepende-te» (3, 19b)... Se for ouvida com fé, esta palavra de Jesus começa a ser imediatamente eficaz: acolhendo a Palavra do Senhor, a Igreja em oração é transformada. Todas as Igrejas devem pôr-se à escuta do Senhor, abrindo-se ao Espírito como Jesus pede com insistência, repetindo esta ordem sete vezes: «Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas» (2, 7.11.17.29; 3, 6.13.22). A assembleia ouve a mensagem, recebendo um estímulo para o arrependimento, a conversão, a perseverança, o crescimento no amor e a orientação para o caminho.

Estimados amigos, o *Apocalipse* apresenta-nos uma comunidade congregada em oração, porque é precisamente na oração que sentimos cada vez mais a presença de Jesus conosco e em nós. Quanto mais e melhor orarmos com constância e intensidade, tanto mais nos assemelharemos a Ele, e Ele entrará verdadeiramente na nossa vida e guiá-la-á, dando-lhe alegria e paz. E quanto mais conhecermos, amarmos e seguirmos Jesus, tanto mais sentiremos a necessidade de nos determos em oração com Ele, recebendo serenidade, esperança e força na nossa vida. Obrigado pela atenção!

Saudações

Estou feliz por dar as boas-vindas a todos os peregrinos e visitantes anglófonos hoje aqui presentes, inclusive a quantos vieram da Inglaterra, da Indonésia, do Japão, das Filipinas e dos Estados Unidos. É-me particularmente grato saudar o grupo das Irmãs Missionárias Servas do

Espírito Santo, assim como os jovens e as jovens do Movimento dos Focolares que participaram no Genfest deste ano em Budapeste. Amados jovens, tendes a peito o chamamento de Cristo e a promoção da unidade da família humana, mediante a intrépida construção de pontes. Por conseguinte, encorajo-vos: sede fortes na vossa fé católica; e permiti que a alegria simples, o amor puro e a paz profunda que derivam do encontro com Jesus Cristo façam de vós testemunhas resplandecentes da Boa Nova diante dos jovens das vossas respectivas terras. Deus abençoe todos vós abundantemente!

Amados fiéis brasileiros de Nossa Senhora das Dores e de São Bento e São Paulo, a graça e a paz de Jesus Cristo para todos vós e demais peregrinos de língua portuguesa. Quanto mais e melhor souberdes rezar, tanto mais sereis parecidos com o Senhor e Ele entrará verdadeiramente na vossa vida. É na oração que melhor podereis dar conta desta presença de Jesus em vós, recebendo serenidade, esperança e força na vossa vida. Tudo isto vos desejo, com a minha Bênção.

© Copyright 2012 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana